

O cravo murcho

Arary da Cruz Tiriba

O Mestre recordava episódio das pesquisas de campo com alunos. Na balsa rudimentar, ele e a jovem cruzavam o rio malcheiroso. Margens lamacentas emolduradas por abutres. Travessia arriscada! Procuravam, no cenário lúgubre, pistas para desvendar a história natural da pestilência que grassava pela ilha fluvial. Sentado na embarcação para não cair n'água, folheava a agenda, quando a pétala de cravo, seca, desbotada, desprendeu-se das laudas, esvoaçou à brisa, bailou no ar, reviveu brevemente o derradeiro sopro, pousou morta na correnteza. O barqueiro que remava lento viu-a flutuar e ser arrastada, mas não reconheceu sequer a eflorescência, muito menos a de um cravo...

Por instante, o Mestre se fixou na jovem que seguia suas instruções, registrando detalhes da estrutura epidemiológica. Concentrada, assinalava a mamadeira na margem lodosa, indício de que a água podre era empregada na lavagem do recipiente.

Se impellido ou não pelo cenário repulsivo, suavizado pela presença da moça, ainda sob efeito da pétala submersa, fizera pergunta despropositada, tola, ao barqueiro que aportava defronte à habitação ruínosa.

— *Não pareço um cravo, eu, ao lado do botão de rosa?*

Sem meias palavras, a resposta:

— *Sim, doutor, cravo... um tanto murcho...*

Conhecera a estudante antilhana, menina: franzina, tímida, feiosa. Viera ter ao templo da ciência como acompanhante da mãe múltipara (oito filhos), enfermiça, necessitada de tratamento radical. Para não interromper seu aprendizado, procurou o Mestre, de quem ouvira falar que era sábio — perscrutador do corpo e da alma das gentes —, o que ele repelia, por deixá-lo sem jeito. Fora acolhida como outros tantos. A despeito da diferença etária — trinta ou mais anos se interpunham —, germinaram o respeito e a admiração recíprocos. Não tardou para que a moça evidenciasse nobreza de espírito e determinação. Seu altruísmo foi demonstrado quando se despojou de um rim perscrutador — valioso órgão depurador —, para doá-lo à mãe que se apagava, tentativa extrema de reanimá-la. A despeito da oposição do Mestre, cumpriu o ato magnânimo. A genitora sucumbiu, mas a mortalha permaneceria morna, aquecida pelo manto, tecido pelas mãos da filha, enfeitado com rendas de *glomérulos*¹.

Passaram-se anos. O Mestre, convidado para proferir palestra na Guatemala, foi recebido com afeto, estima despertada com sobressalto. Bem-querer simples, longamente incubado, jamais extinto! Mulher feita, não escondia a formosura que afinal despontara. Descasada de pouco, o marido deixara-se arrastar por paixão nova; transitória, assim esperava ela; anseio compartilhado pelo Mestre.

Liberado do compromisso doutrinário, ela o convidou para a ceia, típica na costa, exótica para o metropolitano. Praia, sob o quiosque, forro de palha, tapete de areia... Ao marulhar! Efusivos... almas expandidas... conversaram sem medida de tempo. Vidas, as suas, as dos amigos comuns. Ela, preocupada, vinha de ser *prima-vovó* sem que estivesse prevenida. Provieram, o infante, de casal adolescente. Trocaram-se confidências consoladoras. Percalços, sofrimentos, pareciam aproximar mentes igualando experiências, nivelando idades.

À frente, negrume oceânico quebrado pelo colar branco das ondas elásticas. Deixou-se extasiar, ele, pelas faíscas desprendidas do braseiro onde crepitavam escamas e espinhas. Energizadas, as chispas eram arremessadas pela viração litorânea, desenhando riscas rubras, horizontais, sobre o pano de fundo da escuridão. De repente, o choque! Não reconhecia a aluna, fora despertado para a mulher! De arremesso incessante... centelhas em profusão! Contemplação alternada. Entre os fogos e a dama... Cabelos molhados, pele ainda úmida, perfume — hum! aroma de Dona —, na dose exata da sensualidade que ao gole de rum operava a transformação: arrebatamento, provocação! Deliciadamente, com o olhar a desnudava, atirando à areia sua véstia alva.

Acercara-se dupla cancionista dedilhando cordas caribenhas:

El mar, el cielo y tú / un cuadro encantador / remanso de mis sueños / nido de palomas / isla del amor...

(Agustín Lara?) Cumulativos... respingos oceânicos, musicalidade enxuta. A essa altura, colecionara, ele, montanha de fa-
gulas — além da conta — para tingir do encarnado braçadas! Floradas de cravos!

Deliberadamente, optou por desviar da visão as línguas de fogo geradoras dos vermelhos incandescentes! Para não transformar, em
poeira de cinzas, cândidas evocações; essas, imorredouras.

Ali — outrora botão —, a rosa plena! Em oposição, um cravo? Não, nada além da folha seca, murcha, flava... Vestígio rú-
beo apenas...

O catraieiro dos idos tempos diria agora o quê?

— *Sim, doutor, parece um cravo.*

Mas para si:

— *Cravo?!!! Hum... bagaço, isso sim.*

Arary da Cruz Tiriba
*Professor Universitário e Emérito da
Academia de Medicina de São Paulo*